



## A percepção do público de baixa renda sobre o jornalismo<sup>1</sup>

Ana Paula FLORES<sup>2</sup>

Eduardo MEDITSCH<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

**Resumo:** Esta comunicação traz resultados parciais de uma pesquisa de iniciação científica sobre a percepção do público de baixa renda sobre o jornalismo e o uso que esse público faz das notícias. O trabalho está inserido no projeto do professor orientador, que avalia as interfaces sócio-cognitivas do discurso jornalístico, no rádio e em outros meios, como formas de acesso ou barreiras à sociedade da informação. A primeira etapa da pesquisa, de natureza qualitativa, teve como objetivo mapear a diversidade de opiniões de indivíduos de baixa renda sobre o papel e a importância que atribuem ao jornalismo em suas vidas, e o uso que fazem das notícias. Foram realizadas e analisadas entrevistas semi-estruturadas com sete indivíduos de baixa renda na região da Grande Florianópolis. Os resultados dessa etapa darão suporte à segunda fase da pesquisa, de natureza quantitativa, a respeito do mesmo tema.

**Palavras-chave:** jornalismo; percepção; uso; público de baixa renda; Grande Florianópolis.

### Introdução

O jornalismo tem entre as suas funções sociais o enfrentamento do problema da desinformação de grande parte da sociedade sobre questões essenciais para o exercício da cidadania. Este trabalho parte dessa preocupação, com o intuito de analisar os mecanismos de facilitação e obstacularização do acesso à informação jornalística.

Essa pesquisa está inserida no projeto maior “Acessos e barreiras à informação: avaliação das interfaces sócio-cognitivas do discurso jornalístico no rádio e em outros meios”, desenvolvido pelo orientador, professor Eduardo Meditsch, como bolsista de produtividade científica do CNPq. O problema colocado para o projeto é o da participação do discurso jornalístico no acesso à Sociedade da Informação. O objetivo é avaliar as interfaces sócio-cognitivas do discurso jornalístico no rádio e em outros meios de comunicação, na perspectiva da facilitação e/ou da obstacularização do acesso à informação e ao conhecimento no contexto da convergência multimidiática:

“Os indicadores de acesso à Sociedade de Informação, como tem sido utilizados por organismos internacionais, consideram apenas a disponibilidade de equipamentos e infra-estruturas, sem considerar o seu uso social e seus limites e/ou potencialidades cognitivas. O

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GT – Jornalismo, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup>Bolsista de Iniciação Científica do CNPq, estudante de graduação da 7ª fase do Curso de Jornalismo da UFSC. [anapflores86@gmail.com](mailto:anapflores86@gmail.com)

<sup>3</sup>Orientador da pesquisa. Pesquisador do CNPq e Professor do Curso de Jornalismo da UFSC. [emeditsch@uol.com.br](mailto:emeditsch@uol.com.br)



caso do rádio, considerado a Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC) com maior acesso universal alcançado, demonstra a necessidade de consideração destas outras variáveis para uma avaliação mais adequada das facilidades e dificuldades efetivas para este acesso. Apesar de ser a TIC com maior alcance e utilização tanto no Brasil quanto no mundo, o meio rádio só cumpre uma função informativa significativa em relação a alguns segmentos restritos de público, que excluem os mais jovens, os mais pobres e os menos escolarizados, ou seja, os que mais necessitariam do cumprimento desta função”. (MEDITSCH, 2004).

Para contribuir com a investigação das causas desse problema, o objetivo da primeira parte da pesquisa de iniciação científica consistiu em captar a variedade de opiniões de indivíduos de baixa renda e escolaridade sobre o jornalismo, para medir a incidência dessas opiniões numa segunda fase, quantitativa, a ser realizada posteriormente. Busca-se, em ambas as fases, aumentar o conhecimento sobre as possibilidades e os limites que possam favorecer a apropriação dos conteúdos jornalísticos pelo grupo estudado.

A perspectiva teórica de nossa parte da pesquisa está focada na importância de considerar o receptor como sujeito da apropriação das notícias. Desta forma, compartilhamos preocupações que vem sendo enfatizadas pelos estudos de recepção como em Kaplún (1992) e Neto (1995). Esse último retoma Verón para demonstrar como se dá essa apropriação:

O consumo dos meios é uma apropriação ativa e a pesquisa sobre o modo de apropriação dos discursos sociais permite, dentre outras coisas, que se estabeleça uma tipologia de modalidades de estratégia de leituras-apropriação que corresponde às posições culturais. As diferenças nas estratégias de leitura estão associadas a uma diferente relação com a cultura do ator social. (VERÓN apud NETO, 1995: 192).

Nilda Jacks, por sua vez, assinala a necessidade de reconhecimento do sujeito e da pertinência de uma teoria que parta da percepção desse último, de sua subjetividade (JACKS, 1995). Mario Kaplún, ao lembrar a questão elementar do que leva o público a consumir as mensagens midiáticas, salienta a relevância de investigações que valorizem a “receptividade das audiências destinatárias” (KAPLÚN, 1992:157). Dessa maneira, busca-se compreender qual é a percepção do público sobre aquilo que consome e quais são as razões que interferem nessa escolha.



Nessa mesma linha, David Mindich (2005) realizou uma série de entrevistas com jovens americanos na tentativa de descobrir as causas do declínio do consumo de notícias em pessoas abaixo de 40 anos. Entre as razões para essa queda o autor destacou a falta de confiança na mídia, o aumento de opções e do apelo da indústria do entretenimento, a falta de hábito pessoal e dos pais de acompanhar as notícias, e a falta de incentivo à leitura na escola. No capítulo final da obra, Mindich sugere algumas soluções para o problema: evitar a centralização das empresas midiáticas, praticar e ensinar um jornalismo acessível e de qualidade e retomar o jornalismo cívico como estratégia para reverter a tendência de baixo acompanhamento das notícias.

No Brasil, são raros ainda os trabalhos de pesquisa de recepção voltados para o jornalismo – e mais ainda os focados no público de baixa renda e nível de escolaridade – que avaliem o processo de recepção dos indivíduos a partir do consumo dos meios frente aos seus contextos culturais, sociais e econômicos. Entre esses, pode-se citar como exemplos os realizados por Carlos Eduardo Lins da Silva (1985) e Fabiana Piccinin (2007). No primeiro trabalho, Lins da Silva analisa como se dá a interpretação das notícias do Jornal Nacional em duas comunidades de trabalhadores, uma em São Paulo e outra em Natal. As entrevistas foram realizadas por meio de reuniões semanais com a presença de cerca de 20 pessoas, nas quais se discutiam as edições do JN da semana anterior às sessões. Lins da Silva procurou demonstrar que qualquer pessoa é capaz de ser crítica diante da programação jornalística da televisão, “desde que disponha de mínimos elementos que completem sua representação do real”. (LINS DA SILVA, 1985:135).

Já no segundo trabalho, Piccinin se propõe a avaliar como um grupo de famílias produtoras de fumo do interior de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, se apropria das notícias dos telejornais regionais, sobretudo aquelas relacionadas à temática do fumo. A pesquisadora buscou entender como se constitui a vinculação dos receptores com a televisão, como acontece a troca de significados entre a emissão e a recepção e a maneira como os entrevistados se apropriam das notícias, sobretudo as televisivas. Para Piccinin, a importância de estudos que se ocupem das práticas empreendidas pela recepção reside no fato de

elas serem a reafirmação das diferenças frente às mídias, que, por estarem associadas às tendências globalizantes, não consideram as particularidades de seus receptores. Por isso, mostrar as particularidades dos indivíduos no seu processo de recepção traz a público a necessidade de as mídias dedicarem atenção a esses processos, reconhecendo os usuários como efetivos sujeitos da relação comunicacional. (PICCININ, 2007: 93).



O público receptor exerce um papel importante na cadeia produtiva do jornalismo, visto que é ele que consome e reelabora o discurso midiático, de acordo com suas condições de recepção (PICCININ, 2007:40). Essa reelaboração é influenciada, sobretudo, pela classe social a que pertencem os indivíduos e pelas condições concretas de vida em que eles se encontram.

## **Metodologia**

Na realização desta primeira parte da pesquisa foram adotadas técnicas qualitativas que pudessem fornecer, por meio de dados subjetivos, informações relevantes acerca dos hábitos de consumo dos entrevistados. Essas técnicas mostram a necessidade de tomar o receptor como sujeito do processo de recepção, no entendimento do contexto sociocultural onde ele está inserido. A pesquisa qualitativa permite uma maior compreensão das interpretações que os atores sociais possuem do mundo, na medida em que busca “explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2002: 68). As entrevistas individuais realizadas nos permitiram compreender a maneira como os entrevistados se apropriam das notícias, sobretudo as televisivas. Ao argumentar sobre a pertinência das técnicas de natureza qualitativa, Neto sugere que

o desafio estaria na junção, domínio e articulação de um conjunto de procedimentos e de técnicas que assegurassem, simultaneamente, compreender o tipo de discurso, em termos de sua regra de produção, endereçado, segundo certas operações e manobras enunciativas, por um determinado campo emissor, e, também, ‘entender como as pessoas se apropriam, bem ou mal, desse discurso’. (NETO, 1995: 194).

O objetivo dessa primeira parte foi mapear a diversidade de opiniões dos entrevistados sobre o jornalismo, para que, na segunda parte da pesquisa, possamos dimensionar a incidência destes dados por meio da pesquisa quantitativa. O emprego da entrevista individual em profundidade serviu para ajudar a compreender a vida dos indivíduos e as relações que estabelecem com o jornalismo. De acordo com Gaskell, a entrevista qualitativa

fornece os dados básicos para o desenvolvimento e compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (GASKELL, 2002, 65).



Nosso estudo se baseou em sete entrevistas com pessoas de baixa renda, com faixa etária entre 18 e 60 anos, dos sexos masculino ou feminino. As entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados, na região da Grande Florianópolis, no período de setembro de 2007 a fevereiro de 2008. O encontro individual buscou estabelecer um diálogo natural e confortável. O estilo utilizado foi de uma entrevista informal, semi-estruturada, que utilizou uma série de temas e tópicos em torno dos quais se constituíram as questões do decorrer da conversa. Para a realização das entrevistas foi elaborado um tópico-guia, cuja finalidade é sinalizar ao entrevistador os temas e questionamentos a serem abordados com o entrevistado. O objetivo principal era fazer esse último refletir sobre os tópicos mencionados e permitir que ele falasse o máximo sobre suas experiências, hábitos e opiniões.

No entanto, a prática demonstrou que o alcance desses objetivos não seria tão fácil. Apesar da tentativa de estabelecer uma relação natural, a maioria dos entrevistados, sobretudo aqueles com menor nível de instrução, parecia não compreender de que maneira a entrevista e as opiniões que eles concediam contribuiriam para uma pesquisa científica. Durante o trabalho de transcrição e análise, percebemos, nas primeiras entrevistas, que falávamos mais do que devíamos, o que poderia induzir as pessoas a conclusões apressadas a respeito de determinados temas. Nas entrevistas subsequentes, a vigilância aumentou a fim de que nossos comentários não interferissem na opinião dos entrevistados.

Quando chegávamos à casa dos entrevistados, fazíamos uma apresentação, explicando os procedimentos que seriam adotados e a necessidade de usarmos gravador para retenção de dados, além de algumas anotações feitas à mão.

Após as primeiras entrevistas percebemos a necessidade de ajustar o tópico-guia, visto que a primeira versão mostrou-se, de certa forma, ineficaz em estimular o entrevistado a falar sobre suas experiências e opiniões. A versão seguinte facilitou a busca de respostas e permitiu aos indivíduos uma maior margem de liberdade para contar suas preferências e idéias.

Segue abaixo uma breve descrição das entrevistas e dos entrevistados.



<b>Entrevistado</b>	<b>Características</b>
<b>E1</b>	Sexo feminino, 36 anos, casada, duas filhas, dona-de-casa e faxineira, estudou até a quarta-série do ensino fundamental. Renda familiar de R\$ 850. A entrevista foi rápida, cerca de 15 minutos, em parte pelo sentimento de vergonha manifestado pela entrevistada e também pelas deficiências da primeira versão do tópico-guia. Deu respostas vagas e não conseguiu justificar a maioria de suas opiniões sobre o jornalismo.
<b>E2</b>	Sexo feminino, 45 anos, casada, sem filhos, diarista, estudou até a quarta série. Renda familiar de R\$ 1600. A segunda entrevista também foi muito rápida, já que a entrevistada respondia por monossílabos e também não conseguia justificar suas opiniões. Além disso, sempre que era questionada e não sabia o que responder, dizia que não sabia dar entrevista.
<b>E3</b>	Sexo feminino, 46 anos, casada, três filhos, formada em instrumentação cirúrgica, trabalha num hospital da região e faz serviços sociais na comunidade onde mora. Renda familiar de R\$ 900. Foi uma das entrevistas mais longas e produtivas. Soube discutir os questionamentos e justificar suas opiniões.
<b>E4</b>	Sexo masculino, 20 anos, solteiro, mora com os pais e dois irmãos, estudou até o terceiro ano do ensino médio. Como está desempregado, trabalha em uma cooperativa no bairro onde mora. Renda familiar de R\$ 1800,00. Entrevista profícua. Ele citou muitos exemplos, principalmente os relacionados aos acontecimentos locais.
<b>E5</b>	Sexo feminino, 28 anos, casada, uma filha, empregada doméstica, estudou até a sexta série. Renda familiar de R\$ 950. Apesar das constantes interferências da filha pequena, foi um dos entrevistados que mais teceu críticas ao justificar opiniões.
<b>E6</b>	Sexo masculino, 46 anos, casado, três filhas, estudou até a oitava série, policial militar, evangélico. Renda familiar de R\$ 2000. Demonstrou mais interesse nas notícias relacionadas à própria atividade profissional.
<b>E7</b>	Sexo masculino, 18 anos, solteiro, estudou até o terceiro ano do ensino médio, trabalha como atendente em lanchonete, mora de aluguel com um amigo. Renda individual R\$ 650. Gosta de se informar para ter o que conversar com os colegas, prefere acompanhar as notícias locais, mas assiste jornais nacionais.



Apontamos abaixo os resultados obtidos, ordenados de acordo com os principais tópicos a respeito do consumo de notícias que foram abordados nas entrevistas.

### ***Necessidade de informação***

Para os entrevistados, uma das idéias mais importantes associadas ao jornalismo é que ele estabelece uma ponte entre a vida privada e a vida pública. Para a maioria deles, as notícias são úteis porque hoje em dia não se consegue viver sem informação, sem se “inteirar” sobre o que acontece. Essa necessidade foi expressa de diversas formas:

**E3:** *“Até pelo meu trabalho, né, eu tenho que estar atenta e bem informada com tudo o que acontece”.*

**E4:** *“Hoje em dia a gente não consegue viver sem informação, sem saber uma coisa, às vezes até se acontecer alguma coisa do outro lado do mundo, tem que ficar sabendo, é uma coisa assim, que bem dizer, tu é obrigado a saber, no caso, se aconteceu lá, pode acontecer aqui, daí a gente tem que já ter uma preocupação”.*

**E6:** *“Conhecimento nunca é demais, eu acho que a gente tem que saber, tem a obrigação de saber o que que tá acontecendo ao nosso redor”.*

**E7:** *“A falta de notícias vai fazer com que ela se torne uma pessoa mal informada de tudo na vida”. “Eu gosto [gosta de se informar] pra sempre ter alguma coisa pra discutir, pra conversar com os meus colegas”.*

### ***Predominância da televisão***

Durante as entrevistas, observou-se que a televisão predomina como fonte de informação. A utilização de termos como mídia, jornalismo, geralmente estava associada à mídia televisão. Isso acontecia por que, em geral, os entrevistados não consumiam outros meios de comunicação para informar-se, apenas a televisão. A leitura de jornais é uma prática rara, tanto pela impossibilidade financeira de compra, quanto pelas dificuldades de leitura. A leitura de jornais era hábito de apenas um dos sete entrevistados, todos os outros questionavam a necessidade de ler, já que a televisão “mostrava tudo antes”.

**E6:** *“Tudo o que passa no jornal, a televisão já tá divulgando também, se eu vou assistir na televisão, porque que eu vou ler no jornal, né?”.*



**E4:** *“Hoje em dia pô, quem pode ter uma televisão, não tem mais a mania de ficar lá, perder seu tempo, lendo, e também eu digo que um pouco acontece isso porque assim, o mundo hoje em dia tá muito corrido, é muito difícil a pessoa ter tempo pra ficar parada lendo jornal”.*

A televisão, em geral, recebeu uma apreciação positiva da maioria das pessoas. Essa visão vai ao encontro da realidade dos entrevistados, que, em sua maioria, não dispõem de outra fonte de informação sobre os acontecimentos e preferem as facilidades das imagens aliadas ao som:

**E7:** *“Eles sempre tão mostrando imagens, tão mostrando tudo o que acontece, então, sempre quando eles vão falar uma notícia, geralmente eles têm a imagem pra mostrar, para explicar direitinho, eu acho até mais fácil de acompanhar”.*

A aceitação da TV como fonte inquestionável, no entanto, não é absoluta.

**E6:** *“Eu acho que as pessoas deviam ter mais acesso ao jornalismo pra realmente ser divulgado o que é a realidade do povo brasileiro, do dia a dia, porque o que passa na televisão não é nem a metade do que é mesmo”.*

**E6:** *“[na televisão] muita coisa é abafada. O que passa na televisão, não é o que realmente é, eu acho, que as pessoas já... cansaram de ser iludidas, assim, né, não sabem se realmente é verdade o que tá passando”.*

### ***Informação local***

As notícias locais, além de promoverem vínculos entre os indivíduos da comunidade e o telejornal, estimulam ainda a discussão dos temas abordados. Podem-se citar como exemplo os acontecimentos locais ligados ao tráfico, violência e reivindicações comunitárias, que chocam e mobilizam os moradores. Essa vinculação pode ser atribuída, em parte, ao conhecimento pessoal compartilhado pelos entrevistados quando relacionam a informação transmitida pela notícia com suas experiências pessoais, seja como vítimas ou como testemunhas em tais eventos:

**E7:** *“Eu gosto de tá sabendo tudo o que acontece no mundo inteiro, mas principalmente aqui a minha volta, eu acho que é mais importante. Pra saber o que tá acontecendo ao redor da gente, próximo de nós ali, se der alguma coisa acontecendo, algum tipo de golpe, algum tipo de furto, é mais isso, pra saber mesmo o que tá acontecendo a nossa volta”.*



Ainda com relação à informação local, os entrevistados reclamaram da negatividade das notícias, principalmente porque esse aspecto se sobressai nas notícias sobre as comunidades de baixa renda: o que é mostrado geralmente tem uma conotação negativa, relacionada com mortes, acidentes, roubos, entre outros. Esse fator é apontado como um dos principais motivos de descontentamento com o jornalismo:

**E4:** *“quando acontece assim de aparecer no jornal, ou na televisão, nunca é pra falar bem, é sempre mal, é sempre alguém que morreu, é sempre alguém que foi pegado(sic) com droga, ah ou roubaram tal casa, e isso já deixa assim, um ponto negativo né. Que nem eu, que moro aqui, eu sei que tem coisas boas aqui, só que quem é de fora que vê isso nunca vai né, já fica como, marcado né que o lugar é ruim.”*

**E5:** *“Todo mundo já tem tanto problema, aí liga a televisão e é só coisa ruim. É só morte, prisão, tragédia, né, geralmente é isso... acidente de carro, é alguém que morreu...”*

### **Denúncia**

No entanto, os entrevistados atribuem uma função positiva às chamadas “notícias ruins” quando elas significam denúncia, como por exemplo, sobre a precariedade dos serviços públicos diante das necessidades dos moradores, para que assim as autoridades se responsabilizem e resolvam determinada situação.

**E 4:** *“uma coisa que aparece no jornal com certeza, eles vão tentar arrumar pra não aparecer novamente”.*

### **Estímulo à discussão**

Uma das questões presentes no tópico-guia consistia em saber se o entrevistado costumava comentar as notícias com a família, vizinhos, parentes, colegas de trabalho, ou seja, se as notícias a que ele tinha acesso se tornavam alimento para a conversa com outras instâncias sociais com as quais interage. Constata-se que o jornalismo, além da transmissão de informações, estimula a discussão dentro da sociedade. Essas conversas cotidianas se tornam mais numerosas quando o assunto da notícia é algo próximo ou conhecido, quando diz respeito a temas recorrentes no local onde a pessoa vive ou ainda questões relacionadas à ocupação do indivíduo. Por exemplo, E6, como policial militar, costuma comentar com seus colegas de corporação as notícias sobre segurança pública;



já E7, que trabalha numa lanchonete onde a televisão quase sempre fica ligada, costuma conversar com seus colegas de trabalho sobre o que é veiculado na televisão.

**E4:** *“Se acontece alguma coisa de interessante geralmente a gente assiste a televisão ali, e acaba ficando sabendo por ali ou por vizinho, né, que vem comentando e chega no nosso ouvido”.*

**E4:** *“Se for alguma coisa que é muito importante assim a gente até acaba discutindo, ah, se tal fulano que eu conhecia foi pegado (sic) com droga, tal fulano que eu conhecia foi morto, daí a gente acaba discutindo, agora, coisa assim que é mais assim, muito distante, que não tem nada a ver com nós, que a gente não conhece, fica meio morta assim no caso, mas se é uma pessoa que é amigo nosso, que a gente conhece, a gente acaba discutindo”.*

**E5:** *“[comenta] quando acontece alguma coisa assim, num bairro que eu conheça alguém e tal, alguma coisa muito chocante”.*

**E7:** *“E também pra tá sabendo, pra ter um conhecimento melhor, pra saber o que pode acontecer tudo, e pra poder discutir com outras pessoas, aí elas às vezes sabem alguma coisa que eu não sei, aí já conta também”.*

### ***Política***

Os entrevistados apontam um desinteresse geral pela política, que decorre da descrença no funcionamento das instituições e, sobretudo, nos políticos, que, de acordo com um deles, “só vem aqui visitar a gente em véspera de eleição, veio, se elegeu, eles nunca mais olham pro teu lado”. Esse mesmo entrevistado deu uma resposta típica de um cidadão descrente da política brasileira:

**E4:** *“Eu não suporto política, pra mim a pior coisa que existe é política, eu não gosto muito de acompanhar, sei lá, pra mim política é uma coisa que é chata, não gosto muito, tem muita falsidade e dinheiro por trás”.*

### ***Linguagem das notícias***

Outra indagação presente na entrevista se referia ao tipo de linguagem utilizada nas notícias; se era geralmente clara ou obscura. Todos costumavam dizer que, no geral, a linguagem era acessível. Ainda assim, um deles achou que a linguagem das notícias é muito formal, que podia ser mais clara. Outro ainda argumentou que quando a mídia



fala numa linguagem muito culta, quem recebe a informação pode não entender ou interpretar de forma errada. Ao pedir para identificar que tipos de notícias eram mais difíceis de compreender, as respostas mais mencionadas foram economia e política:

**E4:** *“Porque é uma coisa que não é do dia a dia. Pra se entender ou tem que trabalhar com isso ou tem que acompanhar muito pra saber alguma coisa de economia”.*

**E5:** *“Eu não entendo quase nada de política, porque eles usam umas palavra (sic) bem difícil... e eu acho que eles fazem isso de propósito, pro povo não entender mesmo, sabe... eu acho que tem algum sentido nisso, não é por acaso. Porque imagina... eu só tenho a quinta série, eu não entendo porcaria nenhuma (sic), só entendo quando tem um que roubou e a gente sabe que fez alguma coisa né, a gente sabe porque é uma coisa óbvia, mas o resto é bem difícil pra mim”.*

**E7:** *“Eu acho que seria de política, porque escondem bastante coisa ainda da gente. Eles falam tudo de corrupção, assim, mas eu acho que ainda esconde alguma coisa por trás ali que, não fica bem claro pra quem tá assistindo. Tem alguns tipo de corrupção que é mais abusada, que a gente até consegue entender quando explica, mas tem umas que fala ali no jornal que se não prestar atenção bem não consegue entender.*

### ***Notícias mais e menos apreciadas***

As respostas mais comuns mencionadas pelos entrevistados, quando se perguntava quais tipos de notícias eles mais gostavam de acompanhar, foram as de esportes e as policiais. Apenas uma disse que era “Quando a notícia é boa”. (E2).

Outro entrevistado disse que gosta quando a notícia mostra que alguma coisa mudou pra melhor.

**E4:** *“Eu gosto assim quando, ah a polícia foi em tal casa, prendeu tantos traficantes; uma coisa assim que tu vê que tá mudando alguma coisa, entendesse, tu vê que acontece, ah, caiu tal prédio, os bombeiros foram lá e ajudaram, tem sobrevivente. Isso até bota o cara um pouco pra cima, hoje em dia tá tudo tão violento que acaba, né quando acontece uma coisa assim boa me chama a atenção”.*

Em relação às notícias que menos gostavam de acompanhar, não houve consenso: uns diziam que eram as notícias policiais, de segurança, outro disse que eram os escândalos e sensacionalismo em geral, para um eram as notícias de política e de



economia e para outro era quando a notícia era ruim. O fato de muitos não gostarem das notícias policiais (de violência), porém, não fazia com que eles deixassem de assistir.

### **Conclusões**

O objetivo da pesquisa consistia em captar a variedade opiniões de indivíduos de baixa renda sobre questões relacionadas ao jornalismo. Pretendeu-se assim, por meio das entrevistas, estimular o indivíduo a falar sobre suas experiências e hábitos nas relações que estabelecem com os conteúdos jornalísticos e a relevância que dá a essas informações.

A partir das entrevistas foi possível concluir que os entrevistados reconhecem a necessidade de se manter informados. Como afirma Piccinin, “os indivíduos têm desejo de controlar o que acontece no mundo e sentem, por isso, necessidade de informação na sua vida diária”. (PICCININ, 2007: 38). Esse interesse se mostrou maior quando a notícia trata de algo que acontece próximo dos entrevistados, quando afeta a realidade em que vivem. Essa relação de proximidade da notícia com o público receptor promove, portanto, maior interesse da audiência na medida em que cria um sentimento de vinculação. Essa tendência também já havia sido constatada na pesquisa de Piccinin

A maioria dos entrevistados demonstrou interesse em notícias e programas jornalísticos que abordem a realidade em que vivem, que veiculem notícias do bairro onde moram. As temáticas mais próximas e imediatas ao dia-a-dia dos espectadores, nesse caso, a informação local, parecem estreitar os vínculos e criar identidades entre os mundos da emissão e da recepção. (PICCININ, 2007:46).

Outro fato observado foi a frequência de comentários sobre as notícias consumidas, em outras instâncias de interação social. Os entrevistados relataram discussões constantes, sobretudo quando o assunto da notícia é algo próximo ou conhecido, quando diz respeito a problemática do local onde a pessoa vive ou ainda a questões relacionadas à atividade profissional. O que confirma a observação de van Dijk

O conhecimento de grupo pode ser adquirido em instâncias repetitivas de comunicação interpessoal, especialmente em grupos pequenos em que a maioria dos membros interage face-a-face. Sob diferentes condições, essa é também a forma de aquisição interpessoal de conhecimento de grupo na família, entre amigos ou em situações profissionais. (VAN DIJK, 2005).



Muitos dos entrevistados manifestaram seu descontentamento com o excesso de notícias negativas, “ruins”, sobretudo quando se referem ao local onde moram. Mas um deles admitiu que a exposição que a televisão dá aos problemas locais é que faz com que as autoridades se movimentem para tentar resolvê-los.

Para Piccinin, a informação partilhada torna os indivíduos comuns e, portanto, as notícias produzem um sentimento de pertencimento à comunidade:

A preocupação com assuntos que afetam o cotidiano dos indivíduos e seus problemas mais imediatos são os grandes temas geradores de pautas dentro de uma emissora local. Por isso o telejornal pautado pelas notícias locais gera o sentimento de pertencimento a uma comunidade e provoca a discussão cotidiana sobre os problemas da atualidade que estão próximos a esta comunidade e que, portanto, lhe dizem diretamente respeito (PICCININ, 2007: 48).

Entre os tipos de notícias menos apreciadas pelos entrevistados, política e economia foram as mais citadas. A primeira não desperta interesse devido à descrença no funcionamento das instituições e aos constantes escândalos. Essa justificativa deveria ser motivo para dar mais atenção às questões políticas, que interferem na vida de qualquer cidadão, mas não é isso que acontece. David Mindich também aponta essa tendência nos Estados Unidos, ao dizer que “What journalism is facing now is that fewer people understand the importance of being politically informed”. (Mindich, 2005: 48).

Já o que leva a falta de interesse em economia é principalmente a dificuldade de compreensão desse tipo de notícia, porque, segundo os entrevistados, geralmente fala de questões distantes, ausentes no cotidiano dessas pessoas. Em relação à linguagem das notícias, todos disseram que é acessível, fácil de compreender. Pôde-se constatar que a televisão é o meio de comunicação mais utilizado por este público para se informar. Para os entrevistados, os termos jornalismo e televisão eram quase sinônimos, equivalentes; por isso qualquer pergunta sobre notícias, era naturalmente associada às notícias televisivas.

A realização dessa pesquisa permitiu compreender melhor de que forma se dá a apropriação das notícias por indivíduos de baixa renda. O contato com os entrevistados e os dados obtidos mostraram que trabalhos que envolvem essa camada social em seu papel como instância receptora são desafiadores e, sobretudo, necessários. Desafiadores porque, à primeira vista, pode parecer simples estudar uma camada da população que,



segundo os estereótipos, deveria ser acrítica e passiva. Mas, ao contrário do que esses sugerem, esse tipo de público tem muito a dizer e contribuir. Sem contar o fato de que os mais pobres perfazem a grande maioria da população brasileira e, conseqüentemente, do público do jornalismo, sobretudo no caso da televisão.

Este estudo mostrou resultados da etapa qualitativa da pesquisa de iniciação científica. O projeto prevê ainda a execução de uma próxima etapa quantitativa. Assim, por configurar-se como pesquisa de iniciação científica, e ainda em processo, os resultados obtidos até agora não pretendem mais do que contribuir para o aumento do conhecimento sobre o público de baixo poder aquisitivo, de suas aspirações e dificuldades para acessar a chamada sociedade do conhecimento através de conteúdos jornalísticos.

#### **Referências Bibliográficas:**

AYRES, Melina e GARCIA, Maria Noel. **Vosotras, nosotras y ellas**. El receptor y la construcción de agenda. Memoria de grado Universidad Católica del Uruguay: 2005

BAUER, Martin e GASKELL, George (editores). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CORTES, Verônica Aravena. Cidadania e meios de comunicação. Resultados de pesquisa de recepção do projeto mídia, espaço público e democracia. In: MELO, José Marques de (et al). **Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

DIJK, Teun A. Van. Notícias e conhecimento. Revista **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol II N. 2, Florianópolis, Segundo semestre de 2005.

HERNÁNDEZ, David González. Medios de comunicación y la estructuración de las audiencias masivas. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/n6>. Acesso em 20/03/2008.

JACKS, Nilda. Pesquisa de recepção e cultura regional. In: SOUSA, Mauro Wilton de Sousa (org.). **Sujeito: o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

KAPLÚN, Mario. El estudio de la recepción: un área prioritaria de investigación-acción ante los nuevos desafíos. In: MELO, José Marques de (coordinador). **Comunicación Latinoamericana: desafíos de la investigación para el siglo XXI**. São Paulo: Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación / Escola de Comunicação e Artes, 1992.



LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Muito além do Jardim Botânico** Um estudo de caso sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores. São Paulo: Summus, 1985.

MEDITCH, Eduardo B. V. Acessos e barreiras à informação: avaliação das interfaces sócio-cognitivas do discurso jornalístico no rádio e em outros meios. Projeto de Pesquisa. CNPq: 2004.

MINDICH, David. **Tuned out:** why Americans under 40 don't follow the news. Oxford, New York: Oxford University Press, 2005.

NETO, Antônio Fausto. A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUSA, Mauro Wilton de Sousa (org.). **Sujeito:** o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PICCININ, Fabiana. **Do outro lado da tela:** as apropriações do telejornal pelos fumicultores de Santa Cruz. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.